

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE
EDIÇÃO 2011**

A ADOLESCÊNCIA E O CORPO ATRAVÉS DA ARTE

**PORTO ALEGRE
2011**

SIRLEI HENRIQUE

A ADOLESCÊNCIA E O CORPO ATRAVÉS DA ARTE

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Pedagogia da Arte como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Pedagogia da Arte.

Orientadora: Prof. Dra. Luciana Gruppelli Loponte

PORTO ALEGRE

2011

DEDICATÓRIA

A minha família, em especial ao meu filho Maciel, em quem deposito muita esperança. Também a todos os alunos da turma 216 e direção da Escola Estadual de Ensino Médio Padre Reus, por sua generosidade e disponibilidade.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Luciana Gruppelli Loponte, por sua cumplicidade e auxílio;

À equipe da Ação Educativa do Santander Cultural pela disponibilidade;

Aos meus alunos, pela colaboração e desempenho;

Aos colegas do curso de Especialização em Pedagogia da Arte, pelos momentos compartilhados.

*A Arte é uma fada que transmuta.
E transfigura o mau destino.
Prova, olha, toca, cheira, escuta.
Cada sentido é um dom divino.*

Manuel Bandeira

RESUMO

O presente trabalho se propõe a compreender como adolescentes de uma escola pública, que estão freqüentando a turma do primeiro ano de ensino médio, composta por onze alunos e vinte e três alunas, com idade entre quinze e dezessete anos percebem o seu corpo e sua sexualidade através das Artes Visuais. Como cada gênero consegue representar através da sua expressão gráfica, corporal, verbal e plástica o prazer, e assim abordar a sexualidade e a relação com seu próprio corpo. No exercício da docência de arte, sempre que era exibida nas aulas uma imagem com o nu artístico, surgiam piadas e risadas. Como professora, isso me instigava e com tempo, nas aulas de arte, essas exposições de imagens foram substituídas pelo trabalho com o nu. A partir daí era o momento de enfrentar o problema de frente, um grande desafio para a Arte-educadora. Depois de conversar com os alunos e de um levantamento realizado em sala de aula com todos, foi constatado que nunca trabalharam o nu nas aulas de arte e que o tema sexualidade só era abordado nas aulas de Ciências como prevenção das doenças sexualmente transmitidas. A partir de então se começou a abordar o nu nas aulas de arte, o corpo sendo explorado com prazer, em nível suficiente para provocar nos alunos o desejo em expressar pensamentos e emoções, tornando-os assim mais autoconfiantes, para que pudessem então, de uma forma crítica e comprometida, manifestar a sua opinião referente à maneira como o corpo e a sexualidade se apresentam nas obras de arte. No decorrer das aulas, entre muitas conversas, foram de grande valia atividades diversificadas com expressões gráficas, performances e visitas em exposições que aconteceram na cidade de Porto Alegre durante a realização da pesquisa. Durante o período de vinte de maio a vinte e nove de setembro de 2010, foram realizadas as observações, registros fotográficos, anotações em diário e entrevistas feitas com os alunos. Sobretudo, constata-se que é possível abordar através da arte na escola, a relação corpo, adolescência, gênero e sexualidade.

Palavras-chave: sexualidade; Arte; adolescência.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Juicio Final, 1994, León Ferrari 13
- Figura 2: Isabella Rossellini (Roma, 1952), filha da atriz Ingrid Bergman e do cineasta Roberto Rossellini, Robert Wilson 20
- Figura 3: Alan Cumming (Escócia,1965), ator, roteirista, diretor, produtor e autor, Robert Wilson 22
- Figura 4: Brad Pitt (EUA, 1963), ator americano, Robert Wilson 24
- Figura 5: Steve Buscemi (Nova York, 1957), ator norte-americano, Robert Wilson .25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A SEXUALIDADE E OS ADOLESCENTES	10
2 ROTEIRO DOS PASSEIOS REALIZADOS	12
2.1 VISITA PARA FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO – EXPOSIÇÃO “O ALFABETO ENFURECIDO”	12
2.2 VISITA AO CENTRO SANTANDER CULTURAL – EXPOSIÇÃO “HORIZONTE EXPANDIDO” E O MARGS – EXPOSIÇÃO SOBRE CÂNDIDO PORTINARI.	15
2.3 VISITA AO CENTRO SANTANDER CULTURAL – “ROBERT WILSON – VÍDEO PORTRAITS”	18
3 A IMPORTÂNCIA DAS AULAS DE ARTE PARA A PESQUISA.....	27
4 PERFORMANCES CRIADAS PELOS ALUNOS INSPIRADOS NA EXPOSIÇÃO DE ROBERT WILSON – VIDEO PORTRAITS.....	30
5 CRIAÇÃO DE POEMAS SOBRE O CORPO E SEXUALIDADE	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
6 FOTOS DAS PERFORMANCES DOS ALUNOS.....	40

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é referente ao fazer artístico, envolvendo a sexualidade com adolescentes de uma turma com onze alunos e vinte e três alunas, com idade entre quinze e dezessete anos, da Escola Estadual de Ensino Médio Padre Reus, a maneira como eles, nas aulas de Artes, se manifestam através de expressões gráficas, corporais, verbais e plásticas. Em discussão estão as diversas maneiras de viver o prazer, produzindo com liberdade de expressão, mas com responsabilidade e criticidade, suas manifestações artísticas. A pesquisadora observou sempre um corpo que está presente com a sua sexualidade, respeitando as ações de cada adolescente, independente de gênero, tornando-se assim seres mais autônomos. De acordo com Guacira Lopes Louro: “[...] inscrever no próprio processo de investigação a autocrítica constante – mas fazer tudo isso de tal forma que não provoque o imobilismo ou o completo relativismo” (1997, p.146).

No exercício da docência de Arte é importante enfatizar a importância de abordarmos o tema sexualidade, através de discussões, sem moralismos, sem julgamentos e que não é “pecado” sentir prazer com o seu corpo. A sexualidade não é só o ato sexual. Tanto homens, mulheres, heterossexuais e homossexuais têm o mesmo direito de sentir prazer. Segundo Guacira Lopes Louro “A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se ‘despir’ (1997, p.81)”. O propósito desta investigação é observar como os adolescentes reagem diante de obras de Artes variadas nas quais aparecem o nu e corpos, e provocar reflexões sobre as sensações que provocam neles, as várias maneiras pelas quais o corpo é explorado nas obras de arte. Assim, a cada visita em exposições pela cidade de Porto Alegre, enquanto a pesquisa foi realizada, foi possível perceber que os adolescentes

estavam atentos e curiosos em aprender e trazer conhecimento ao seu cotidiano. À medida que aumentaram seu repertório visual e tiravam as suas dúvidas, o nu se tornou apenas mais uma maneira do artista se expressar. Com o tempo e a seriedade que essa turma assumiu em estudar o tema, percebe-se que desenhar um corpo nu já não é mais motivo para piadas ou risadas.

É importante abordar como a mídia explora os corpos, como a exploração dos corpos de algum modo constitui a identidade e formação do adolescente. A mídia expõe corpos sarados e magros, mas faz propagandas de bebidas e comidas sedutoras para a grande população, como se dissessem: “Bebam e comam de tudo, mas sejam magros”. Independente de sermos magros ou gordos, ninguém tem o direito de interferir no estilo próprio de cada ser humano. E que no cotidiano, tanto adultos como adolescentes obesos, enfrentam as tentações, sendo que muitas pessoas precisam emagrecer, não pela vaidade, mas para que tenham mais saúde. Mas, mesmo assim, segundo Ruth Sabat : “Podemos considerar que a publicidade é um dos mecanismos educativos presentes nas instâncias socioculturais. Ela não só possui características como prazer e diversão, mas também educação e produz conhecimentos” (1999, p.150). É momento de refletir com os adolescentes os prazeres que a mídia veicula, e que muitas vezes provocam em cada um de nós, o desejo de um prazer momentâneo e que pode ser prejudicial à saúde.

A investigação trata de questões que envolvem a discussão sobre arte, corpo, sexualidade com adolescentes, respeitando as diversas maneiras em que, cada um deles, independente de gênero, pode expressar o seu fazer artístico prazerosa e criticamente, refletindo sobre o cotidiano dos alunos, educadores (as) e sala de aula. Não se trata de algo visto como concluído, mas um desafio lançado, pois como educadoras temos muito a aprender seja em leituras de material acerca do tema ou mesmo junto aos alunos, buscando assim soluções mais interessantes de enfrentar os desafios e a responsabilidade de ensinar com entusiasmo.

1 A SEXUALIDADE E OS ADOLESCENTES

A presente pesquisa iniciou através de uma conversa com os adolescentes sobre a forma como o corpo aparece nas obras de arte e sobre o que eles pensam e sabem sobre a sexualidade, descobrindo assim o que eles conheciam a respeito do tema. Nas primeiras conversas em sala de aula, as alunas falavam mais e os meninos estavam sempre quietos. Ao pedir que escrevessem numa folha de ofício tudo que já tivessem lido e aprendido sobre o tema, surgiu uma grande surpresa ao ler que grande parte dos adolescentes do gênero masculino sabia muito pouco a respeito do seu corpo e da sua sexualidade. Escreveram que não conversam com os pais sobre o assunto, e que nas escolas o assunto aborda sempre as doenças e como prevenir uma gravidez precoce. A surpresa maior foi em relação às dúvidas e inseguranças dos adolescentes do gênero masculino, pois estas são muito maiores que os das alunas do gênero feminino. Em geral, os meninos demonstram constrangimento, como se escrever ou conversar dessas inseguranças ou dúvidas fosse um sinal de pouca virilidade. Assim como, há muito pouco tempo, a vaidade masculina era dita como sinal de pouca virilidade. Ficou clara a cobrança social e cultural de que o homem, o “macho”, sempre teria que dominar o assunto. Mesmo assim, alguns adolescentes do gênero masculino colocam dúvidas, como, por exemplo, o aluno R. com dezesseis anos: “Eu queria saber quando o homem está pronto para ter uma relação sexual com uma mulher?”. O aluno M. (15 anos) disse:

Hoje em dia os jovens têm muitas dúvidas sobre a sexualidade, que não são esclarecidas por falta de comunicação sobre esse assunto. Muitas pessoas ficam constrangidas ao conversar sobre esse assunto, mas olhando bem é uma coisa tão normal que não precisaria dessa vergonha toda.

O aluno J. (16 anos) perguntou: “a mulher pode engravidar na primeira transa?”. Já as alunas demonstram um pouco mais de conhecimento do assunto, algumas apenas colocam dúvidas, por também nunca terem conversado abertamente sobre o tema com os pais ou nas escolas. A aluna G. (15 anos) disse: “Bom, talvez por sempre estudar em uma escola católica, eu nunca tive esse tipo de assunto em sala de aula.” A aluna J. disse: “Eu não estudei muito sobre esse

assunto nas outras séries, na verdade nunca fiz nenhum trabalho sobre sexualidade no ensino fundamental.”

Com os textos escritos pelos alunos, na próxima aula ficaram esclarecidas as dúvidas que apareceram nos textos, sem mencionar nomes e complementos dizendo que quando uma pessoa está sentindo prazer, ela está vivenciando sua sexualidade. Segundo Guacira Lopes Louro: “Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar” (1997, p.59). É preciso escrever que, como educadora e pelo tema estar sendo abordado pela primeira vez com os adolescentes, surgiu a reflexão: “Será que as explicações foram compreendidas? Será que, de alguma maneira foram esclarecidas as dúvidas de trinta e quatro alunos que estavam em silêncio escutando as explicações?” O tema já estava sendo lido, Guacira Lopes Louro já fazia parte do cotidiano, e com os relatos dos alunos foi possível perceber que os adolescentes sentem falta de conversar na escola, com alguém que os escute, olhando para eles. Que as dúvidas sejam esclarecidas imediatamente, pois a mídia, as revistas semanais e até mesmo a internet, podem esclarecer muitas delas. É necessário abordar o tema sem tabus e demonstrar confiança e cumplicidade com os adolescentes. E assim, a pesquisa continuou, passando a observar cada aula com grandes expectativas, e com mais segurança nas leituras.

O tema sexualidade foi abordado com os alunos para criar uma confiança e cumplicidade maior com os adolescentes, sendo que os mesmos teriam que analisar obras de Arte, nas quais o nu aparecesse e a maneira como as suas sensações, com o seu corpo interagisse com as obras. Cada aula seria um grande desafio.

2 ROTEIRO DOS PASSEIOS REALIZADOS

2.1 VISITA PARA FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO – EXPOSIÇÃO “O ALFABETO ENFURECIDO”

No dia dez de junho foi conversado com os alunos sobre o passeio que fariam até a Fundação Iberê Camargo, sobre a exposição “O Alfabeto Enfurecido”, que apresentava as obras dos artistas León Ferrari e Mira Schendel. Foi apresentada a biografia dos artistas e mostradas algumas imagens que estavam na exposição. León era formado em engenharia, motivo pelo qual a maioria das obras eram feitas com metal e lembravam edificações. Dois acontecimentos traumáticos na vida do artista definiram a sua obra. A filha que contraiu uma meningite tuberculosa e perdeu a fala e a audição. Em consequência dessa mudez trágica, dessa ausência de linguagem, Ferrari foi levado às palavras. O segundo, a morte do filho na ditadura. Sua obra é um incessante protesto contra o inferno da história, do poder político e da religião. Mira formada em Filosofia, raramente mencionou a dura experiência da guerra, seja por escrito, seja em conversas. A fragilidade e a leveza do papel-arroz tornaram-se essenciais nas obras da artista. Foi frisado aos alunos que veriam obras na qual aparece o corpo nu. O artista León fez interferências bruscas em imagens sacras, uma maneira que o artista encontrou de protestar contra a igreja, que nunca se manifesta em questões polêmicas. Nesses dois períodos de aula apenas foi falado e os alunos ficaram atentos e curiosos em ver as obras desses artistas. Também foi mencionado o nome de Iberê Camargo e de como era o trabalho do artista, como, por exemplo, sobre suas séries as Idiotas, os Carretéis e os Ciclistas. Se desse tempo, iriam ser vistas algumas obras do artista.

Um fato curioso que também impressionou, foi de que apenas uma aluna tinha visitado a Fundação Iberê Camargo com a professora de Arte da outra escola. Para o restante da turma seria a primeira visita. Uma lástima, sendo que temos o Centro Cultural Santander, o MARGS e a Fundação Iberê Camargo em Porto Alegre, instituições que fornecem aos educadores (as), cursos de formações sobre as exposições. Poucos educadores (as) são vistos participando por lá, comparando com a quantidade de escolas públicas e privadas que temos em Porto Alegre. Todos os alunos deveriam ser levados, sempre, em várias exposições, pois é uma maneira

deles ficarem em frente à uma obra de Arte e, do seu modo, fazerem suas análises. Apenas uma reflexão, pois às vezes estamos tão acostumados a reclamar, que não temos uma sala de Arte, material para produzir, então por que não sair de vez em quando com os alunos? Dar uma aula de Arte diferente, em outro ambiente, que não seja a sala de aula?



Figura 1: Juicio Final, 1994, León Ferrari

A obra “Juicio Final”, 1994 de León Ferrari, papel impresso (reprodução do Juízo final, de Michelangelo) e excremento de ave, foi uma das obras que causou um impacto muito forte nos alunos, principalmente, pelo material que foi utilizado e por ser uma imagem sacra, na qual León faz uma crítica à igreja, justificada por ter ele perdido um filho na ditadura e a igreja não tomar nenhuma posição em questões polêmicas, no caso, a ditadura. Os alunos entenderam as críticas e tentaram se colocar no lugar do artista, do quanto é grande a dor da perda de um filho e a coragem do mesmo em transformar essa dor em obras de Artes, de uma forma crítica e ao mesmo tempo tão cativante.

Nesse primeiro passeio havia uma grande apreensão pelos relatos feitos em sala de aula, por parte de alguns alunos que se diziam muito religiosos, e que talvez não fossem gostar de ver esse tipo de imagens. Porém, mais uma vez a turma me surpreendeu. Principalmente, com o relato de uma aluna, que em frente da obra fez o seguinte comentário: “Mesmo vendo o que o artista fez com as imagens sacras, e acho que ele deve ter feito isso num momento de muita dor, eu aluna L. não deixo de acreditar no que aprendi com a minha família sobre a minha religião.” A mediadora comentou que: “Colocar o seu ponto de vista, da maneira como ela estava fazendo, requer coragem e atitude, e que com certeza esse não era o objetivo do artista, de que as pessoas mudassem os seus conceitos, mas sim refletissem sobre o tema”, elogiando assim a postura da aluna, que soube expressar os sentimentos com respeito e de forma educada. Sendo que a turma toda participava e escutava as explicações da mediadora com interesse e atenção.

Depois que os alunos viram a exposição do “Alfabeto Enfurecido”, foi solicitado que a mediadora mostrasse aos alunos as obras do artista Iberê Camargo. Ficaram impressionados com a última tela do artista “Solidão e Fim”, tentando imaginar o que se passava na mente do artista que sabia que iria morrer. Nesse momento, já que seria solicitado, mais tarde, um trabalho em sala de aula abordando o tema “tempo”, foi pedido aos alunos que fizessem uma reflexão do que era o tempo para cada um, pois ele passa para todos, sendo que um dia morreremos. Em frente a essa obra, foram percebidas expressões de rostos pensativos, um silêncio, uma reflexão própria, sem muitos comentários. Em seguida, pararam em frente de uma tela na qual o artista pintou uma Idiota. Nesse momento, surgiu a curiosidade novamente, pois estavam na frente de uma obra na qual aparece o nu. Um nu não de um corpo esbelto e bonito. A surpresa reapareceu, pois todos admiraram a obra com atenção, nada de risos ou comentários maldosos sobre o nu. A mediadora fez o seguinte comentário sobre a obra: “São seres disformes, apáticos e que podem ser comparados com pessoas apáticas e alienadas que se acomodam e não possuem uma visão crítica da forma como a realidade se apresenta”. Os alunos concordaram e a aluna A. fez o seguinte comentário: “As pessoas estão muito influenciadas pela mídia. É mais fácil se acomodar do que refletir sobre as coisas que estão acontecendo no mundo”.

Segundo Ana Mae Barbosa, (2002, p.4):

Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, Arte representa o melhor trabalho do ser humano.

Assim terminou o primeiro passeio. Na semana seguinte, de volta à sala de aula foi debatido com os alunos e solicitado que escrevessem todas as suas opiniões sobre as obras, ou pelo menos duas obras que mais chamaram a sua atenção. Pelos relatos, ficou claro que os alunos prestaram atenção nos materiais que os artistas usaram nas obras, comparando a leveza que a artista Mira passava com o papel arroz, fios de nylon, abusando das transparências nas obras. Já nas obras de León, a maioria dos alunos ficou impressionada com o trabalho feito com a imagem da Capela Sistina, uma forma ousada de fazer uma crítica contra a igreja. Já em frente às obras do artista Iberê, comentaram sobre o último trabalho “Solidão e Fim”, que é uma despedida do artista da vida. Os alunos gostaram muito da exposição, sendo que apenas uma aluna já havia ido à Fundação Iberê Camargo. Um momento de reflexão, conhecimento e prazer para os alunos. Independente do Gênero, a curiosidade estava presente. O prazer dos alunos diante das obras era uma forma de expressar a sexualidade. Segundo Denise Bernuzzi de Sant’Anna:

Construir a vida de cada um como obra de Arte, não com a intenção de expô-la em museus e galerias. Aqui o trabalho artístico não busca elevar o artista ou a obra, destacando um ou outro perante o mundo. Não se trata de destacar, elevar, separar em alto e baixo, superior e inferior. Mas de relacionar forças, potencializá-las, ampliar suas ressonâncias, realçando ao mesmo tempo o indivíduo e o coletivo, o humano e o não humano, não para colocá-lo acima da vida, mas dentro dela, de tal modo que ao admirar um gesto humano seja possível tornar admirável também os gestos que o cercam no presente e aqueles que o sucederam no passado (2005, p.99).

2.2 VISITA AO CENTRO SANTANDER CULTURAL– EXPOSIÇÃO “HORIZONTE EXPANDIDO” E O MARGS – EXPOSIÇÃO SOBRE CÂNDIDO PORTINARI.

No dia quinze de julho, os alunos passaram a tarde no Centro Cultural Santander. Em seguida foram ao MARGS conferir a exposição de Portinari¹. Seria

¹ A exposição aconteceu no mês de julho no ano de 2010, no MARGS. A exposição Portinari na Coleção Castro Maya teve pinturas, desenhos, gravuras, ilustrações e documentos que raramente deixaram o Museu da Chácara do Céu, uma das unidades dos Museus Castro Maya, no Rio de Janeiro. Menciono aqui algumas obras que os alunos viram na exposição: O Menino do Papagaio,

uma experiência incrível para os alunos, que relataram nunca terem visitado tantas exposições como nesse ano. Foi uma experiência maravilhosa, poder levar uma turma em todas as exposições, pois havia a oportunidade de observar cada gesto, inquietações e comentários. Corpos estavam inquietos, rostos sorridentes, sensações relatadas pelos alunos. A arte e a sexualidade expressas com vigor. Sexualidade e prazer que podíamos sentir de várias formas, observando e absorvendo conhecimento e prazer ao analisar e interagir com pensamentos, sensações que surgiam diante das obras de arte.

Nessas exposições não foi feito nenhum comentário sobre o que veriam no Santander e no MARGs, mas os alunos já sabiam que teriam que analisar as obras e mais tarde escrever os seus relatos. No Santander, obras nas quais os artistas se apropriam do próprio corpo na Arte, através de performances e vídeos. Chegando lá, foi solicitado que todos andassem livremente no espaço, observassem as obras, para em seguida terem uma conversa com os mediadores da exposição. Os alunos analisaram as obras concentrados. Na conversa com os mediadores foram críticos e participativos. Perguntaram, se os artistas estavam em seu estado natural, ou seja, sem drogas. A mediação disse que não, que alguns artistas provavelmente estavam sob o poder de alguma droga, mas nem todos. Na conversa os alunos comentaram que em alguns momentos se sentiam estranhos, angustiados e com certa nostalgia quando estavam diante das obras. Alguns colocaram que nunca tinham visto obras de arte nas quais o próprio corpo era explorado para se manifestar artisticamente.

Com os relatos feitos pelos alunos, foi visto que os mesmos estavam cada vez mais entusiasmados e atentos à maneira como cada exposição se apresentava, tanto que vários alunos colocaram, nos relatos, que preferiam observar as obras sem a intervenção de uma mediação, pois assim conseguiriam absorver mais informações e sensações pessoais diante das obras. Sendo que o relato do aluno L.(16 anos) foi o seguinte:

óleo sobre tela de 1954, que pertence ao acervo do MARGs; Mãos de Portinari pintando "Menino com Carneiro", 1953, Foto acervo Projeto Portinari; Menino Chupando Cana, 1959, Água-forte, 35,6 X 27,7 cm; Ilustração para o livro Menino de Engenho, MCC 853. Tio João, 1943. Nanquim e aguada, 17 X 12 cm, Estudo para ilustração do livro Memórias póstumas de Brás Cubas; Retrato de Raymundo Ottoni de Castro Maya, 1943, óleo/tela, 72,5 X 60 cm. MCC 1608, Série D; Quixote a Cavalos com Lança e Espada, C.1956, Lápis de cor, 42 X 16 cm. MCC 113; Menino com Carneiro, 1953, óleo/tela, 46 X 26 cm. MCC423.

Não achei a exposição sobre Portinari muito interessante, não me impressionava. Não me atingiu em nenhum sentido. Achei chata e cansativa, principalmente pelo fato de que a visita foi guiada e detalhadamente explicada, o que não me fez pensar sobre o que eu estava observando.

Sobre as obras que viu no Santander fez o seguinte relato: “Gostei bastante do passeio ao Santander. A exposição era muito interessante, um pouco difícil de interpretar e entender, pelo menos para mim. Eu achei muito perturbador. Me senti mal vendo o trabalho daqueles vários artistas.”

O comentário feito pela aluna L.(15 anos) da exposição no MARGS foi: “Eu senti um prazer muito grande ao ver as pinturas. A pintura que mais me chamou atenção foi a da ‘Tempestade Acalmada’, que mostra a imagem de Jesus dormindo no barco, enquanto os discípulos tremiam de medo na tempestade”. Sobre a exposição no Santander:

Bom, a exposição do Santander foi muito enriquecedora. Eu sentia uma certa angústia quando via as pessoas submetendo o corpo a situações desagradáveis. Me sentia mal pelas pessoas que estavam em espaços pequenos. E muitas que sofriam.

O aluno J. (15 anos) relatou: “No Santander foi muito legal, mas em alguns momentos fiquei intrigado com algumas obras de Arte, é bom ficar intrigado, porque a pessoa fica com vontade de saber mais.” Sobre a exposição no MARGS: “Deu para saber um pouco mais sobre Portinari e ver algumas obras que ele fez.”

Analisando os relatos dos demais alunos, além dos três citados anteriormente, estão nítidos os prazeres, em níveis suficientes para provocar o desejo em expressar pensamentos e emoções, que estavam sendo proporcionados ao corpo diante das exposições, assim como os sentimentos de repulsa e estranhamento diante das obras vistas no Santander. E que, até uma simples mediação, já os estavam incomodando, pois estavam se sentindo cada vez mais autônomos diante da análise que eles mesmos faziam das obras. Estavam querendo absorver todas as sensações sentidas diante das obras, sem intervenções de terceiros, mas também sem nenhum desrespeito ou fazendo comentários que pudessem desmerecer a mediação feita no MARGS. Apenas estavam atentos e curiosos. Todos comentários e relatos foram feitos em sala de aula, mas sempre com muito respeito, em relação a tudo que viram, sempre afirmando também que o

dia foi bem aproveitado e que gostaram de tudo. Aqui estava evidente o comprometimento de uma turma, que colocava as suas críticas e reflexões com tranqüilidade, dentro de um mútuo acordo no sentido de que sempre fossem sinceros. Havia confiança e cumplicidade mútuas. Isso é simplesmente empolgante e fantástico. E ficou claro que mesmo um tema como sexualidade, corpos, gênero e arte, com adolescentes, não era mais um “bicho de sete cabeças”, como, antes de iniciar a presente pesquisa, era pensado. Segundo Paola Zordan:

A Arte constantemente nos leva a pensar o limite entre o que se vive e o que se aprende e como visões de mundo se formam e se estratificam dentro de uma cultura. Podemos nos perguntar, a cada dia em sala de aula, se é possível ensinar esta tal matéria Arte. E, a cada experiência, aprendemos que a Arte não exatamente se ensina, se vive (2010, p.101).

2.3 VISITA AO CENTRO SANTANDER CULTURAL– “ROBERT WILSON – VÍDEO PORTRAITS”

Esse seria o último passeio realizado com a turma, e assim terminaria apenas uma de tantas etapas planejadas para o desenvolvimento dessa pesquisa. Claro que mais uma vez foi muito gratificante. Foi combinado com os alunos que observassem todas as obras livremente, sem mediação, e que, depois de terem visto todas as obras, escolhessem uma apenas e ficassem na frente da mesma por vinte minutos, para que fosse feita a análise e anotassem tudo que estivessem sentindo. Alguns alunos observaram e escreveram sobre várias obras. Depois das observações feitas, fomos para o ateliê do Santander, no qual, o mediador conversou com os alunos sobre a exposição. O mediador diz que muitas vezes nós também vivemos vários personagens, como, por exemplo, um quando vamos para escola, outro como filho (a), outro quando vamos numa balada. O mediador então perguntou se alguém queria se manifestar sobre a exposição. A aluna L. (16 anos), fez a seguinte colocação do vídeorretrato de Isabela Rossellini (Roma, 1952): “Lembra a sexualidade, algo que está oprimido, e a personagem quer se libertar”. O mediador então diz que no Japão existem as bonecas de plástico, que são encontradas em qualquer *sex shop* de lá, e que muitos japoneses compram para ter o seu prazer, ou seja, fazem sexo com a boneca. Aqui já era percebido o quanto os alunos já estavam construindo a sua opinião e a sua própria sexualidade, cada um a

sua maneira, através da aprendizagem, de forma crítica e sem piadas. Expor-se de uma forma séria e sem medos, na medida em que a turma toda escutava as conversas com seriedade. Ficou claro que os adolescentes não querem aulas nas quais já sabem as perguntas que serão feitas pelos professores, e os mesmos, muitas vezes já sabem as respostas dos alunos. E que é possível abordar o tema de outra forma, e que a Arte pode ajudar muito a extrair do aluno, outras dúvidas, outros questionamentos. Segundo Luciana Gruppelli Loponte:

A questão não é simplesmente buscarmos por uma suposta “sensibilidade” através da Arte, é muito mais do que isso: rupturas no olhar, quebra da linearidade de pensamento de nós mesmos, descontinuidade, desconfiança sobre a aparente neutralidade das imagens (2008, p.160).

Sobre a exposição, Robert Wilson “A Imagem em Cena” - o curador Marcelo de Andrade Pereira escreve:

Como cena a imagem em Robert Wilson luta contra a imobilidade, configura-se antes como força que como forma; difusa, a imagem coloca a percepção à prova, demanda dessa entrega, disponibilidade para o encontro; demanda tempo porque variável. Na imagem, o tempo amontoa-se, é escandido, é pleno, é inflexível. Nela, o tempo incha o olho, dá a ver um gesto – icônico ou alegórico, de uma e de múltiplas significações, respectivamente. Soma-se a esse tempo, o som, o ruído, a voz, o silêncio, os contrapontos rítmico e melódico. Nos videorretratos de Robert Wilson, imagem visual e imagem sonora se retroalimentam, elas são interagentes; concorrem, não obstante, para um mesmo fim, a unidade do múltiplo. A justaposição, como um procedimento típico desse artista, aduz precisamente a esse anelo de junção, de comunicação entre as linguagens e entre os seres. Tal intento é, por certo, sintomático. Wilson busca recobrar a amplitude da significação não apenas pelo verbo, mas, sobretudo, pela imagem – porquanto suas variações possam encerrar intensidades diversas. O caráter tridimensional dos videorretratos reforça essa afirmação.



Figura2: Isabella Rossellini (Roma, 1952), filha da atriz Ingrid Bergman e do cineasta Roberto Rossellini

Este videorretrato da Isabella faz referência aos animes japoneses como um modo de vestir das adolescentes japonesas. Diferentemente dos outros videorretratos que remetem ao horror, ao sublime ou ao drama, este remete à comédia. Depois de gravado, o vídeo e a música (jazz) tiveram seu ritmo acelerado.

Análise feita pela aluna L. (16 anos), sobre o videorretrato:

Nota-se que é uma forma de mostrar a “masturbação” subjetivamente. Ou então outro desejo sexual oculto. Sendo discreta essa ação, no primeiro momento, “a boneca” tenta conter o prazer por medo da opressão. Observando todos os lados, certificando-se que não tem ninguém por perto, cai no deleite. Eu vejo da seguinte maneira, foi uma forma de demonstrar que muitas pessoas ocultam seus desejos e fantasias sexuais por medo da opressão da família ou do parceiro. Tendo vergonha de deixar fluir a sua vontade “animal”, pode-se dizer que essa obra se refere às mulheres, e a esse tipo de opressão, quando acontecia no passado. Esse tipo de coisa ainda acontece nos dias de hoje. Por isso muitas pessoas ainda escondem seus desejos. Quem sabe um dia isso mude, e todos possam realizar suas vontades. A exposição era muito interessante. A criatividade de Robert Wilson me deixou fascinada.

A aluna A. (17 anos), fez a seguinte análise: “Me lembra Alice no País das Maravilhas. Isabella representa uma boneca, ou um robô. Ela faz poucos movimentos em alta velocidade”.

Já a aluna F. (17 anos), analisou da seguinte forma: “É uma boneca safada, parece comparada com uma demonstração de estudante, é um objeto sexual, olhos abrindo e fechando, numa fração de segundos”.

Nas análises feitas pelas alunas ficou clara a maneira como cada uma interpretou a obra. O grande objetivo da exposição era que cada um interpretasse a sua maneira as obras. Porém a aluna L. (16 anos), a mesma que se manifestou no ateliê do Santander, demonstrou uma grande curiosidade e reflexão sobre o tema sexualidade e o modo como o gênero feminino ainda atualmente reprime seus desejos sexuais. Sendo que a aluna A. (17 anos), já não viu a mesma obra, interpretando como um desejo reprimido, mas algo que remetia a histórias infantis. A aluna F. (17 anos), também enfatizou a sexualidade “um objeto sexual”, algo que proporciona o prazer, como se somente as “safadas” tivessem essa ousadia de expressar seus sentimentos mais secretos. O erótico também faz parte da sexualidade. Uma erotização muito explorada pela mídia, em mulheres magras e saradas. Talvez esses foram os motivos da aluna lembrar de um “objeto sexual” e também a necessidade de expressar naquele momento o que estava sentindo. Eis que Michel Foucault escreve:

Na Arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência; não é por referência a uma lei absoluta do permitido e do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração, mas, ao contrário, em relação a si mesmo: ele deve ser conhecido como prazer, e portanto, segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma (2010, p.65-66).

A liberdade de expressão e uma autenticidade no que está escrito, faz com que se reflita cada vez mais sobre como é necessário e urgente escutar mais o que nossos alunos adolescentes têm a nos dizer sobre construir a sua sexualidade, não impondo questões prontas e definidas, mas construindo com dúvidas e questionamentos. E muitas vezes apenas ouvir o que eles têm a dizer e fazê-los refletir sobre as suas dúvidas. Segundo Luciana Gruppelli Loponte:

Desnaturalizar modos de ver homens e mulheres, provocar incerteza diante do já pensado sobre sexualidade e representações de feminino e masculino, desafiar um olhar mais aguçado diante das diferentes áreas de saber e sua aparente neutralidade, têm sido tarefas instigantes (2008, p.161).



Figura 3: Alan Cumming (Escócia,1965), ator, roteirista, diretor, produtor e autor

A idéia central de Robert Wilson neste videorretrato é a repetição, pois para ele, é através desta prática que o ator torna seus atos mecânicos e assim tem a liberdade para atuar. Alan Cumming aparece comendo repetitivamente.

Na análise feita pelo aluno A. (15 anos):

A obra é um homem que veste um tecido branco, com listras pretas, uma pequena peruca loira e um chapéu rosa com plumas e salto plataforma. Em certo momento, pega bolachas atrás de suas costas e as come com muita delicadeza. Ele tem uma expressão pensativa, quase triste, olha para o horizonte, para além, um ângulo indefinido. Às vezes ele pisca um olho, às vezes ele olha para frente. Ele me passou uma sensação de insegurança, como se soubesse que há pessoas o observando, e ele tivesse que manter a postura, ao invés de fazer o que tem vontade que poderia ser dançar. O local em que ele está é escuro, o chão é prateado, brilhoso, como se fosse uma boate e ele estivesse numa pista de dança. Creio que ele está sendo reprimido pela sociedade, por ser *drag queen*, homossexual, pelo seu jeito, modo de se vestir.

De acordo com Guacira Lopes Louro:

[...] Em sua “imitação” do feminino, uma *drag queen* pode ser revolucionária. Como uma personagem estranha e desordeira, uma personagem fora da ordem e da norma, ela provoca desconforto, curiosidade e fascínio. [...] A *drag* escancara a construtividade dos gêneros (2004, p.20).

Na análise feita pela aluna A.(16 anos): “Um travesti que zomba da beleza, não sendo nenhum pouco vaidoso. Fica comendo bolacha de uma forma debochada.”

Na análise feita pela aluna A. (17 anos): “Travesti, estranhamente maquiado, parece estar zombando da beleza.”

Já na análise feita pelo aluno A.(15 anos) foi observado o quanto ele analisou cada detalhe minuciosamente, cada gesto, os acessórios presentes no personagem. E assim ficou claro, como as ações e acessórios expressam sentimentos e uma identidade. Segundo Silvana Vilodre Goellner:

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas (2008, p.29).

Assim, cada aluno vai construindo os seus significados com autonomia e crescendo como sujeito.

Já na análise feita pelas outras duas alunas, o que se percebeu é que foram mais superficiais e enfatizaram muito a questão da beleza. As alunas analisaram mais de uma obra, sendo visto o quanto é importante realmente ficar no mínimo uns vinte minutos diante de uma obra, para uma análise mais profunda e uma reflexão mais aprimorada, diante do que estão vendo e sentindo. Mesmo assim, todas as análises são de extrema importância para o desenvolvimento da presente pesquisa. De acordo com Ana Mae Barbosa:

Se pretendemos uma educação não apenas intelectual, mas principalmente humanizadora,, a necessidade da Arte é ainda mais crucial para desenvolver a percepção e a imaginação, para captar a realidade circundante e desenvolver a capacidade criadora necessária à modificação desta realidade (2002, p.05).



Figura 4: Brad Pitt

O videorretrato de Brad Pitt (EUA, 1963), ator americano, reproduz a mesma imagem que foi capa da Revista Vanity Fair de dezembro de 2006. Faz referência a um período turbulento na vida pessoal do ator e as lágrimas de vidro, que podem ser vistas em seu rosto, remetem a uma fotografia de Man Ray intitulada “Lágrimas de Vidro” de 1932.

A aluna G. (15 anos) analisou da seguinte forma:

[...] É como se ele estivesse tentando se livrar de algo e tudo o que fazia era em vão. Quando ele atira e sai água, é como se ele estivesse mostrando que todas as suas tentativas não fizessem efeito. O seu jeito é como se ele estivesse bravo com algo ou alguém; imóvel diante da situação; sem forças pra continuar.

Na análise feita pela aluna A.(17 anos):

Brad está na chuva apenas de cueca e meias, ele segura uma arma e ao apontá-la e dispará-la saiu apenas água. Parece que ele queria desabafar, mas se afogou na mágoa antes de conseguir. Mas não demonstra sofrimento, está sempre de cabeça erguida e não desiste do seu orgulho.

Nessas análises feitas pelas alunas, percebe-se que não há uma expressão da beleza e do encantamento pelo ícone, ou seja, padrão de beleza do artista e sim uma transmissão de observações presentes na obra, que vão muito além do senso comum.



Figura 5: Steve Buscemi

Steve Buscemi (Nova York, 1957) é um ator norte-americano conhecido por seus papéis em filmes do diretor Quentin Tarantino, tais como o criminoso Mr. Pink em *Cães de Aluguel* (1992) e o garçom Buddy Holly em *Pulp Fiction* (1994). O videorretrato faz uma referência aos *talk shows* americanos e ao artista Francis Bacon. A trilha é de Michael Galasso, compositor que colaborou em vários trabalhos com Robert Wilson.

Na análise feita pela aluna A.(16 anos):

Um legista, um açougueiro, um psicopata. Steve pode estar representando qualquer um desses personagens. Seus lábios negros e seu avental sujo de sangue mostram um lado sombrio, um assassino. Ainda mais pela carne a sua frente e o sorriso monstruoso que ele faz.

Já na análise feita pelo aluno L.(16 anos):

Eu achei a obra do açougueiro algo bem forte e marcante, pois o artista estava com uma roupa parecida com a de um médico, com uma cara de psicopata em frente a um enorme pedaço de carne e ele fica mascarando algo e batendo um dos pés no chão.

O aluno J.(16 anos) analisa da seguinte forma:

Para mim, foi intrigante olhar essa obra porque, parece ser um quadro meio macabro, que intrigava a todos que o olhavam. Mas ao mesmo tempo engraçado, porque tem uma música de fundo meio engraçada e ao mesmo tempo ele com um corpo ou qualquer outro pedaço de carne na sua frente. Uma música do Chaves. Ele tinha um rosto engraçado, mascarando alguma coisa, talvez um chiclete, e também batia o pé no ritmo da música. Ele tinha uma roupa de açougueiro e uma gravata que poderia disfarçar o que ele era.

Nas análises feitas ficou visível que nosso corpo não é apenas um corpo. Segundo Silvana Vilodre Goellner (2008, p.37), é, ainda, o conjunto de signos que compõe sua produção. Também, através dessas análises, constatou-se que os alunos observam um conjunto de movimentos, atitudes que incorporam no corpo, partindo e refletindo sobre a realidade dos alunos, sempre atentos aos detalhes de tudo que observam, transferindo com clareza todos os seus sentimentos nos registros realizados durante e após a visita.

3 A IMPORTÂNCIA DAS AULAS DE ARTE PARA A PESQUISA

Várias aulas de Arte, com enfoque no corpo, na sexualidade e no prazer de produzir, refletir. Um olhar mais aguçado, agora está presente, quando estão diante de uma obra de Arte. Durante o desenvolvimento do trabalho os alunos visitaram várias exposições. Na Fundação Iberê Camargo, “O Alfabeto Enfurecido” de León Ferrari e Mira Schendel e as obras do artista Iberê Camargo. No Santander cultural, “Horizonte Expandido” e “Robert Wilson- Vídeo Portraits.” No MARGS, “Portinari - na coleção de Castro Maya”.

Nas exposições, os alunos se depararam com várias obras, nas quais aparece o corpo nu, após muitas conversas sobre sexualidade, enfatizando sempre que quando sentimos prazer ou algum estranhamento, estamos construindo a nossa sexualidade. Com isto, os alunos fizeram várias análises sobre as obras de Arte que viram, já descritas anteriormente no presente trabalho. É importante salientar o quanto foi importante para a turma os estudos de campo, pois o trabalho fora da sala de aula, envolvendo a Arte despertou vários sentimentos, tais como: alegria, empolgação, angústia, reflexão, emoção, fruição e provocações estavam presentes no exercício de observação das obras. Deborah Britzman afirma:

Na literatura, no cinema, na Arte, na música, a preocupação não está em como estabilizar o conhecimento, mas em como explorar suas fissuras, suas insuficiências, suas traições e mesmo suas necessárias ilusões. Nessas formas de Arte, a incerteza pode causar ansiedade e medo, mas esses afetos podem ser explorados em todo o seu drama, sem sugerir a incompetência da leitora ou do leitor. Meu argumento é de que o currículo da sexualidade deve estar mais próximo à dinâmica da sexualidade e ao cuidado de si. Uma conversa franca não pode ser planejada antecipadamente, pois se tentarmos predizer o que acontecerá estaremos nos movimentando no terreno da paixão pela ignorância (2010, p.108 e 109).

Depois das primeiras discussões sobre a temática do corpo e sexualidade, os alunos também analisaram imagens de corpos veiculadas na TV e nas revistas. A seguir são descritas a conclusão de dois alunos, depois de terem analisado imagens de propagandas.

No depoimento da aluna S.(15 anos):

Os comerciais utilizam cada vez mais, recursos para que suas propagandas ganhem grande repercussão e, conseqüentemente vendam mais produtos. Um desses recursos, que é freqüentemente usado, é o corpo, explorando o lado da sensualidade. Esse trabalho foi importante para mim, pois comecei a analisar mais detalhadamente como o corpo influencia na imagem de uma propaganda. Obviamente que as pessoas que se encontram nesses comerciais têm corpos perfeitos, e mostram padrões de beleza que não coincidem com nosso cotidiano, mas que todos têm como ideal. Mas tudo tem suas conseqüências, e uma delas é o impacto que esses comerciais causam nos telespectadores, principalmente nas mulheres. Os padrões que estão presentes fizeram com que as pessoas ficassem insatisfeitas com seu próprio corpo. Mas num mundo capitalista, onde o dinheiro está sempre em primeiro lugar, esses publicitários se importam com o lucro ao invés da saúde do próximo.

Diante desse depoimento, Ruth Sabat está correta, pois, é necessário desenvolver, em cada um de nós, outra maneira de ver e reconhecer, as nossas reais necessidades. Resistir às tentações de consumo exige um esforço enorme e quando nos deixamos seduzir, percebemos o quanto somos limitados e o quanto nos deixamos padronizar. Somos indivíduos únicos, por isso mesmo, com necessidades diferentes uns dos outros.

A publicidade oferece elementos suficientes para que pensemos a sociedade e a nós mesmas, de acordo com modelos dominantes. Sem dúvida que a função da propaganda é vender mercadorias divulgando suas qualidades; entretanto tais qualidades precisam, de alguma forma, fazer sentido para nós, daí a necessidade da utilização de referentes (2008, p.156).

Depoimento do aluno L.(16 anos):

Concluo que para a publicidade, sensualidade e beleza são tudo. Todas as campanhas de marketing ousam na hora de vender algo, eles exploram o corpo ao máximo, e exibem na televisão, internet, pôsteres e outdoors sem o mínimo de respeito, eles “esfregam” isso na nossa cara para que compremos e consumimos consciente e inconscientemente. Mas aí me pergunto: Eu sou contra isso? Não, mesmo sabendo que é errado, injusto e opressor. Não sou contra, porque amo beleza, aprecio a beleza e não imagino o mundo sem a beleza física externa, tanto o mundo em que vivemos como o mundo dos negócios, do marketing, da publicidade. Ligar a TV e assistir durante horas muitos pares de peitos e bundas é algo que não vai me levar à faculdade, não vai aumentar minhas notas nas aulas de biologia, mas, é bom, é inspirador pra mim. Com um pensamento tirado do filme Beleza Americana eu termino minha conclusão para esse trabalho: Existe tanta beleza no mundo.

Eis que Ruth Sabat diz, acredito ser um compromisso dos professores (as) de Arte desenvolver a educação do olhar, trabalhando a questão da beleza,

comprovando que seus padrões são produções históricas, sociais e culturais. É preciso destruir preconceitos e em sala de aula analisar as imagens veiculadas na TV, nas revistas e nos jornais para que se questione, reflita e se perceba. Auxiliando os adolescentes numa melhor aceitação de si e do outro.

Pelas imagens publicitárias, podemos observar como as relações de gênero estão sendo vistas por determinada sociedade: ou seja, quais são os significantes mais diretamente relacionados aos comportamentos masculinos e femininos desejados socialmente (2008, p.1570).

Assim, fica claro com esses depoimentos como os alunos se expressam com total liberdade, sabendo que todas as opiniões serão respeitadas tanto pela arte-educadora, como pelos colegas.

4 PERFORMANCES CRIADAS PELOS ALUNOS INSPIRADOS NA EXPOSIÇÃO DE ROBERT WILSON – VIDEO PORTRAITS.

- a) tempo pra quê?
- b) o psicopata.
- c) o preconceito.
- d) as amarras – liberdade de escolha.
- e) solidão.
- f) religiosidade.
- g) alegria – menos stress.

Nas performances apresentadas, foi solicitado aos alunos que se organizassem em grupos e escrevessem como seria a apresentação. Foi deixado o tema livre, pois havia curiosidade em saber quais seriam as preocupações e os temas que despertariam prazer e curiosidade nos alunos. Abaixo são apresentados os depoimentos de alguns alunos sobre o trabalho desenvolvido em sala de aula.

a) depoimento da aluna S.(15 anos):

Bom, gostei muito de fazer esse trabalho, pois tivemos a oportunidade de escolher os assuntos e, assim, expressar os sentimentos relacionados à solidão, pois todos um dia já nos sentimos sozinhos ou tristes, principalmente quando uma pessoa em quem confiamos e amamos “roubam” nossa alegria e felicidade. E por mais que tenhamos pessoas ao nosso redor, por dentro estaremos solitários.

b) depoimento da aluna F.(16 anos):

Senti uma enorme responsabilidade em falar de um assunto que às vezes faz tanta falta. Representamos a falta de alegria, mas, além disso, a solidariedade de uma pessoa em compartilhar alegria e mostrá-la é algo bom.

c) depoimento do aluno A.(15 anos):

Gostei muito do trabalho, pois foi uma coisa diferente, que não fazemos habitualmente nas aulas, e ainda passamos uma mensagem bonita, com os efeitos de luz e som ficou ótimo. Todos os integrantes do grupo fizeram sua parte corretamente.

d) depoimento da aluna J.(16 anos):

Para mim o meu grupo foi bem, fizemos o nosso melhor. E o tema central “liberdade de escolha” mostra que cada um tem o direito de escolher o melhor para si, e mesmo que, muitas vezes essas escolhas não sejam aceitas, devemos continuar seguindo em frente. E isso deveria ser aceito por todas as pessoas em todas as situações.

Assim, novas possibilidades podem vir à tona. O processo criativo é explícito – a integração do corpo e mente, as performances são apresentadas com responsabilidade, mas com descontração e divertimento. Segundo Paulo Freire: “É neste sentido que se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele” (2001, p.135).

5 CRIAÇÃO DE POEMAS SOBRE O CORPO E SEXUALIDADE

Nessa etapa da pesquisa foi solicitado aos alunos um poema referente ao corpo e à sexualidade. Deixou-se claro também que não se preocupassem com o conteúdo, pois os poemas ficariam resguardados e apareceriam alguns na presente pesquisa, sem mencionar o nome dos autores. Nesse momento foi visível a inquietude dos alunos, como se o que há de mais secreto neles fosse apropriado e revelado aos pais. Eis alguns dos poemas criados pelos alunos:

a) a aluna G. (16 anos), escreveu:

Mulheres são realmente incríveis
São várias situações que
Propiciam prazer.
É um simples toque
O sexo
O namoro
É quando estamos felizes
É quando sentimos arrepios
É quando sentimos frio na barriga
O prazer em comer um pedaço
De chocolate.
Prazer nas coisas simples
Prazer no simples olhar
Prazer em sentir prazer.

b) a aluna L. (16 anos), escreveu:

O corpo é porta para o prazer
É a via da loucura obscena
É a máquina de excitação.
Ao toque do outro, ficas trêmula
Ao beijo do outro, te excitas
Pela simples presença do outro.
Gozam de uma ótima sensação
Com nosso sexo entramos de
Cabeça no mundo do prazer

c) o aluno R.(17 anos), escreveu:

Quando vejo você passando,
Passo dias e noites acordado,
Somente delirando.
Passo dias me masturbando,

Quando vejo,
Sua bela calcinha vermelha secando.
Fiquei louco por um dia,
Quando vi você de biquíni e,
Sua bela bunda branquinha.

Na presente pesquisa objetivou-se que os alunos, com idade entre quinze e dezessete anos, explorassem toda a sua criatividade e à medida que se sentissem seguros no que realizavam, se sentiriam seguros em ir além. Havia ali um crescimento que se deu pela consciência, que cada um deles foi impulsionado a buscar. Segundo Michel Foucault: “O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado, o sexo, a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo” (2010, p.42). E para que os alunos sempre fossem sinceros nas suas escritas, foi feito um pacto com os mesmos, para que em hipótese alguma mostrassem os poemas escritos e tudo que fosse tratado em sala de aula, ficasse apenas entre os presentes ali. Os alunos não queriam que seus pais soubessem dos seus escritos, mas os alunos sabiam que estava desenvolvendo uma pesquisa e que também não revelaria o nome dos mesmos, mas que os relatos seriam registrados na pesquisa tal como seriam apresentados. Concordaram com tudo, desde que fosse mantido reservadamente. Na apresentação das performances, alguns alunos, comentaram com os pais, sendo que alguns deles queriam assistir as performances. Claro que todos os passeios foram feitos com a autorização dos pais.

Na escola foi dado todo apoio, sendo que a supervisora fez o seguinte comentário: “desde que não tenha um nu artístico em sala de aula, ao vivo, poderia desenvolver o projeto.” A pesquisadora em nenhum momento deixou de realizar uma atividade planejada, sendo que sempre teve o apoio da direção da escola. Não foi comentado com todos os colegas sobre a presente pesquisa, mas com os poucos com quem foi falado, acharam a iniciativa ousada e interessante. Também não foi realizada nenhuma reunião com os pais, antes ou durante a pesquisa, sendo que não estava sendo trabalhado nada que fosse criar conflitos entre os adolescentes, apenas tentando desmistificar valores morais que foram impostos historicamente e culturalmente, e que os adolescentes se percebessem e refletissem mais sobre suas ações e desenvolvessem um olhar mais crítico em relação a imagens, nas quais

aparecia o corpo, independente do gênero. E assim, construindo a sua própria sexualidade no cotidiano com autonomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível refletir sobre o cotidiano das alunas e alunos, educadoras e educadores e da sala de aula, não como concluído, mas com os desafios que estão diante de todos, cabendo encontrarmos forças e diversas maneiras de enfrentá-los. Durante a presente pesquisa conseguiu-se abordar através da arte, a relação corpo, adolescência e sexualidade de forma tranqüila e com muita seriedade, concluindo que o corpo, que ainda é um eterno “problema pedagógico”, não deveria ser esquecido nas aulas de arte. Segundo Déborah Britzman: “O que está em jogo é a fantasia, o Eros e a vicissitude da vida. Será que a pedagogia pode começar com essas surpresas?” (2010, p. 92). Aqui está o grande problema em se aprofundar o tema sexualidade e de explorar o corpo com a sua sexualidade numa aula de arte. Os adolescentes levam tudo muito a sério, dentro daquilo que se propõe a fazer. Ao contrário do que os adultos falam, se sentiram convocados, motivo pelo qual realizaram todas as atividades com interesse e seriedade. O único problema enfrentado pela pesquisadora foi o silêncio dos adolescentes em algumas aulas, sendo que apesar de não saber exatamente o que pensavam, também era assimilado que em algumas situações, ações, não há palavras para descrever e o silêncio é a única forma de se pronunciar. Se identificar é algo muito complexo. Que sentimento desperta? O que fez aquele sujeito fazer isso? Toda a produção artística amplia a reflexão e desenvolve uma relação mais sedutora com a vida. Segundo Paola Zordan: “Embora permeada de matéria extensa mensurável, a Arte existe enquanto experiência de um corpo intenso, virtual, que produz as paisagens existenciais sem as quais a vida não teria sentido” (2010, p.101).

Não foi conseguido, durante a presente pesquisa, aprofundar as relações que podem ser feitas com a religiosidade e o preconceito, porém, os adolescentes demonstraram interesse e curiosidade em se tratando desses temas. Mesmo assim,

durante as aulas, eram conversadas com os mesmos as dúvidas que surgiam. A pesquisadora enfrentou um problema, que há anos a perseguia, incomodava nas aulas de arte. Foi necessário buscar outros saberes, outros percursos e enfrentar o desafio. Cada adolescente vem com a sua história, características e com a sua linguagem corporal. Foi necessário analisar cada expressão, gesto, palavra escrita, que seria importante para realizar a este trabalho. No início não foi fácil relaxar e conversar com os alunos sobre o tema, mas com o tempo, com as pesquisas de campo e as leituras de todos os autores aqui mencionados me deixavam mais tranqüila e segura. Um fato que marcou muito a pesquisadora foi quando no conselho de classe participativo comentaram que estavam gostando muito das aulas de arte e dos passeios que aconteceram. Foi lembrado de um fato que aconteceu com o aluno L.(16 anos). Num encontro com o aluno nos corredores da escola ele disse: “professora achei um poema chocante, mas não vou falar muito, mas estou “louco” para que a senhora leia.” Havia sido solicitado aos alunos que procurassem poemas sobre o corpo e sexualidade. Foi solicitado aos alunos essa pesquisa, pois nas outras aulas cada aluno teria que escrever seu próprio poema, como aparece neste trabalho. Na semana seguinte os alunos entregaram os poemas, inclusive o aluno que havia sido encontrado nos corredores da escola, na semana anterior. Como estava fechando as médias dos alunos, não foi possível ler logo os poemas. O aluno não se continha e volta meia ele perguntava: “ ‘sora’ já leu?”. E a resposta era negativa. Após a terceira pergunta, é que o poema foi lido. O aluno trouxe a letra de uma música, que aborda o tema masturbação. Concluída a leitura foi informado que o poema tinha sido muito apreciado e ele então perguntou: “Do que fala o poema?” E a resposta foi: diga-me você. E ele dizia, mas me diga você. Quando finalmente então foi respondido que se tratava de masturbação. Ele concordou. Claro, que nesse momento a turma toda estava quieta, querendo também saber do que se tratava o poema, diante da resposta todos continuaram quietos. A imaginação rolou solta, pensando no que se passava na cabeça dos alunos: uma professora que estava falando de masturbação, assunto que até então era tratado só entre eles. Ninguém se manifestava. A conversa continuou com o aluno e foi dito que a masturbação gerava muito prazer para o corpo, qualquer corpo, tanto do gênero masculino, como feminino. Ele concordou. A turma continuou em silêncio. A cada aula era sensível o aumento da confiança dos alunos que se expressam

espontaneamente. Mas, como já foi mencionado, na presente pesquisa o silêncio, ainda era incomodativo. Na escola o tema sexualidade é abordado nas aulas de Biologia, com ênfase nas doenças sexualmente transmitidas.

Por mais que tenham sido planejadas, algumas conversas surgiam com dúvidas que apareciam instantaneamente. Naqueles momentos era sentida a responsabilidade de responder com segurança e clareza aos alunos. Estava sendo construído e sentido um novo prazer, em grau suficiente para expressar pensamentos e emoções nunca antes vivenciadas. Cada aula foi uma grande expectativa, tanto para a pesquisadora como para os alunos. E se tivesse que ser repetida a experiência, depois dessa pesquisa, com certeza seria com mais preparo, mas com a certeza de que a convivência com outros adolescentes trará, sempre, outras expectativas. Através da arte podemos abordar todos os temas imagináveis (e não-imagináveis), o que envolve não apenas o corpo, mas a alma de cada um de nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte**. 5 ed.. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BERGER, John. **Modos de Ver**. Tradução de Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FOCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 20 impr..

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 18.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ICLE, Gilberto (org.). **Pedagogia da Arte: entre-lugares da criação**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Pedagogias Visuais do Feminino: Arte, imagens e docência**. Currículo sem Fronteiras. v. 8, n.2, p.148-164. jul-dez 2008.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade (org.)**; Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. **Um Corpo Estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.1 reimp..

ORAMAS, Luis Pérez. **León Ferrari e Mira Schendel: o Alfabeto Enfurecido**. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2010.

PEREIRA, Marcelo de Andrade (consult. ped.). **Robert Wilson – video portraits – ação educativa**. Caderno do professor. Porto Alegre: Santander Cultural, 2010.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de Passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

Performances realizadas com os alunos em outubro de 2010.

“As amarras – liberdade de escolha.”



“Alegria – menos stress”



“O preconceito”



“Religiosidade”

